

# **O PROGRESSO PRO FIM: ACELERAÇÃO E AUTODESTRUIÇÃO EM NICK LAND E THOMAS PYNCHON**

Vinicius Portella Castro

## **Resumo:**

Neste artigo, tenta-se descrever o aceleracionismo de Nick Land na forma de um tesão-*pra-morte*, para compará-lo e contrastá-lo com as fantasias sexuais de aceleração técnica contidas no romance *Arco-Íris da Gravidade*, de Thomas Pynchon (1973). Discordando da declaração de Benjamin Noys em *Malign Velocities* de que o romance pode ser lido em chave aceleracionista, o artigo tentará retrazar a matriz colonial e ecológica dos pontos cegos da visão aceleracionista de Land e botá-la em oposição à crítica sustentada de Pynchon ao imperialismo como forma de dominação histórica com dimensões econômicas, energéticas e sexuais. Pynchon demonstra em seu livro — uma sátira extensa das neurose masculinas de dominação técnica — que é possível diagramar a apetição sexual para além do circuito moderno da apetição para a morte.

**Palavras-chave:** Nick Land; Thomas Pynchon; Aceleracionismo; Gravity's Rainbow.

## **Abstract:**

In this article, there is an attempt to describe the accelerationism of Nick Land in the form of a sexual drive towards death, in order to compare and contrast it to the sexual fantasies of technical acceleration contained in the novel *Gravity's Rainbow*, by Thomas Pynchon (1973). Disagreeing with Benjamin Noys's statement in *Malign Velocities* that the book can be read under an accelerationist key, the article attempts to retrace the colonial and ecological blindspots of Land's vision of acceleration in order to oppose it to Pynchon's sustained criticism of Imperialism as a historical form of domination with economic, energetic and sexual dimensions. What Pynchon demonstrates in his fiction — an extensive paranoid satire of masculine neuroses of technical dominion — is that we can conceive of different diagrams of sexual and creative appetite that are beyond the modern circuits of appetition towards death.

**Keywords:** Nick Land; Thomas Pynchon; Accelerationism; Gravity's Rainbow.

### Introdução: alguns aceleracionismos

“The auto-destruction of capitalism is what capitalism is. ‘Creative destruction’ is the whole of it, beside only its retardations, partial compensations, or inhibitions.”  
(Nick Land)

“America was a gift from the invisible powers, a way of returning. But Europe refused it. It wasn't Europe's Original Sin — the latest name for that is Modern Analysis — but it happens that Subsequent Sin is harder to atone for.”  
(Thomas Pynchon)

De maneira apressada, podemos dizer que aceleracionismo é o ímpeto de ir além do capital por meio do próprio capital. Ou seja, é apenas *acelerando* tendências imanentes ao próprio capitalismo que poderemos dissolvê-lo e construir outro modo de produção e troca. É possível ler Marx nesse sentido, mas o termo se aplica mais diretamente ao britânico Nick Land e a uma de suas principais fontes, Deleuze & Guattari (que, por sua vez, citam Nietzsche no único trecho explicitamente aceleracionista do *Anti-Édipo*; 1972, p. 285). O termo “aceleracionismo” foi usado pela primeira vez por Benjamin Noys, de maneira crítica, mas foi logo adotado por entusiastas da ideia (NOYS, 2011, p. xi).

Acelerar aqui seria menos no sentido mais trivial de produzir mais rápido e mais no de intensificar as propriedades abstrativas do capital (assim como sua reticulação global progressiva) em direção a mudanças radicais de fase das relações de troca. Nessa direção, podemos encontrar contribuições teóricas e concretas de nomes díspares como Brian Massumi e Kōijū Karatani, ambos bem distantes da fantasia gótica extremada de Nick Land. Temos a leitura de Steven Shaviro que tenta em *No Speed Limit* (2016) descolar, na forma de um laboratório estético especulativo, o programa estético aceleracionista da sua implementação política. Não é simples, portanto, descartar todas as versões do aceleracionismo de maneira apressada. O próprio Noys retornou ao tema em *Malign Velocities* (2015), menos para falar de Land e mais para reconstruir todo um imaginário prévio de aceleração, dos futuristas italianos ao utopismo maquinico russo.

É possível ainda compreender os próprios protocolos de produção capitalista atualmente em curso como o último patamar de um processo de aceleração que se implementa e se intensifica desde a modernidade, fase atual do repertório desenvolvimentista e da ideologia neoliberal (como faz Moysés Pinto Netto, 2016).

Neste artigo, tentarei focar apenas na visão mais extremada de Nick Land e na sedução peculiar desse circuito de apetição conceitual. A ideia é contrastá-la com uma encarnação ficcional de tendência similares no romance *Gravity's Rainbow* (1973), de Thomas Pynchon, que tentarei apresentar como uma espécie de resolução expressiva alternativa a essas tensões.

Como tantos alto-modernistas *intensos*, Land virou um facista, e um fascista bufão ainda por cima. Mas sua versão do aceleracionismo, em velhas ou em novas calças, continua seduzindo muita gente. Além de inúmeros textos e algumas coletâneas na última década, alguns traduzidos no Brasil, tivemos em 2013 o manifesto por uma política aceleracionista de Snircek e Williams, que atraiu alguma atenção.

O manifesto é bem menos ousado do que a visão pós-humanista original, podemos dizer que é uma tentativa de construir uma versão mais apresentável do aceleracionismo. Uma forma de trazê-lo para o chão como um programa legítimo e razoável para o *mainstream* e de perder as partes mais escandalosas no processo. Está longe de ser a versão mais intensa da visão, mas interessa para introduzir uma exposição mais simples do campo problemático que entrará em jogo no artigo.

Resumindo o argumento de Snircek e Williams: ou ficamos num delírio horizontal de autenticidade restrito à pequena escala ou intensificamos algumas tendências da máquina capitalista para desmontar a servidão por meio dela. Nesse sentido, os autores reconhecem a centralidade da questão midiática e técnica em geral (Snircek veio a escrever o arguto, mas insosso, *Platform Capitalism* pouco depois, em 2016).

Os autores sabem que só poderemos arrancar um circuito pós-capitalista dos atuais sulcos de produção com uma profunda reconstrução da cadeia de mediação técnica. Sem nem entrar na simplicidade dessa dicotomia local-global apresentada no manifesto, já criticada tantas vezes, diria apenas que o buraco desse problema parece ser bem mais embaixo do que eles sugerem.

Do jeito que Williams e Snircek descrevem, é como se tivéssemos uma máquina pronta de produção e logística que apenas precisasse ser reformada na sua injustiça quantitativa e

intensificada na sua criatividade abstrativa. Mas a atual crise tornou mais evidente do que já era que a máquina não é uma maravilha de eficiência logística esperando apenas uma melhor gestão. Ecologia de práticas não é (ou não deveria ser) só mais um nome para pluralismo liberal fajuto. O ímpeto do manifesto de *terminar* o programa da modernidade trai o que parece ser o principal ponto-cego histórico do aceleracionismo como um todo: as dimensões colonial e ecológica.

Se Marx pode ser perdoado por não dar o devido peso à extensão da dimensão colonial e ecológica, se Deleuze & Guattari também permanecem ambíguos o bastante para que possamos compreendê-los de maneiras produtivas, não há muito que possa salvar o niilismo alucinado de Land. O que certamente não depõe contra seu interesse histórico (saliente como qualquer tumor mais saidinho), tampouco contra sua originalidade conceitual e estilística.

Tentarei descrever como se monta essa sedução (no caso de Land) e, com sorte, propor como superá-la a partir de uma leitura contrastante da aceleração autodestrutiva do capital e do indivíduo moderno no romance *Arco-Íris da Gravidade*, de Thomas Pynchon (1973). E tentarei ainda demonstrar como esses pontos cegos do aceleracionismo de Land enfraquecem o conceito de *hiperstição*, em particular (a ferramenta mais popular e reluzente do kit do CCRU).

O gesto comparativo entre domínios aqui pode parecer meio incongruente, mas me sinto permitido por duas razões. A primeira é o fato de que duas grandes influências de Land, William Gibson e Neal Stephenson, são tributários confessos de Pynchon. A segunda é a abordagem que o próprio Noys apresenta do *Arco-Íris* em *Malign Velocities*. Noys encontra em Pynchon a figuração ressoante de um gnosticismo militar encarnado numa fantasia de pura mobilidade (NOYS, 2015, p. 43). Ele escreve também que o sujeito no livro se dissolve e se fragmenta por meio da fusão com “tecnologias acelerativas da guerra” (Ibid, p. 44), e entende, nesse sentido, que é possível fazer uma leitura aceleracionista do romance (ecoando, segundo ele, o próprio CCRU, infelizmente sem oferecer referência). Este artigo é principalmente uma resposta a esta declaração, da qual discordo com todas as fibras de que disponho.

Noys captou muito bem a capacidade do romance de digerir o tesão da aceleração na montagem maquinica na forma de gozo autodestrutivo, mas parece-me que sua leitura não dá conta de tudo que o livro oferece em *resposta* a este circuito histórico de autodestruição.

Pynchon consegue não só reproduzir por extenso e em detalhe o delírio aceleracionista europeu e norte-americano em todo seu tesão espraído em roupas de vinil e máquinas brilhosas, mas ver *além* da sua sedução autodestrutiva, e faz isso, em grande parte, por causa de sua apreensão histórica profunda da dimensão sexual do poder colonial e da brutalidade racial do imperialismo. A bolha de redução de entropia da modernidade europeia foi criada a partir de um holocausto de mundos nas américas e na África. E é só de dentro dessa bolha — na sua textura interna infinitamente diferenciada, ao mesmo tempo que entronicamente pastosa — que o delírio aceleracionista ganha inteligibilidade.

### **O tesão-para-morte: aceleração retro-alimentada em Nick Land**

“He found delight not unlike a razor sweeping his skin and nerves, scalp to soles, in ritual submission to the Master of this night space and of himself, the male embodiment of a technologicque that embraced power not for its social uses but for just the chances of surrender, personal and dark surrender, to the Void, to delicious and screaming collapse...”

(Thomas Pynchon)

“O paradoxo da vida, inclusive da vida sexual, é que a própria frustração do desejo de chegar a um fim derradeiro ajuda a prolongá-lo.”

(Lynn Margulis)

O que fazer com Nick Land (1962-)? O inglês tornou-se conhecido como um dos cofundadores, junto com Sadie Plant, do coletivo CCRU, um grupo de pesquisadores formado na Universidade de Warwick, nos anos 90, de onde saíram diversos pesquisadores hoje influentes. Mais recentemente, atraiu atenção por se associar a nomes como Curtis Yarwin no *front* intelectual internético de um renascimento extremista da direita global. Mas mesmo antes de virar o que virou, já era difícil saber como se posicionar diante da maioria de seus textos mais estranhos da década de noventa (que são também os mais singulares interessantes).

Por um lado, as peças que ele usa são familiares. A esquizo-análise de Deleuze & Guattari com a transgressão católica de Bataille, o universo cyberpunk de William Gibson com a criptografia ocultista de Neal Stephenson, a virologia cósmica copy & paste de Burrough com o horror lovecraftiano. Mas os usos e as montagens textuais que Land faz dessas partes surpreende quase sempre. Um pastiche do rigor do idealismo alemão voltado contra si mesmo em exercícios de

involução e implosão conceitual, a vontade de transgressão e reversão de expectativas conceituais de Deleuze & Guattari extrapolada até a enésima potência, quase num paroxismo paródico. É difícil saber quando ele está brincando, quando está falando sério, e se há diferença.

O apelo, em grande parte, é fácil de entender. *Edgelord* do caos quando isso ainda tinha chance de soar legal, arauto batalliano de intensidades transgressoras e das artes escuras do pensamento. *Obscurum per obscurius* sempre que pode e sempre que não pode também. Enquanto manifestação literária, ao menos, Land certamente continua a oferecer interesse. Seu estilo intelectual é expressão muito própria de uma hipertrofia teórica de vanguarda do final do século passado e de um tecnopositivismo visionário genuinamente original. Mais do que tudo, no entanto, nas ideias e no tom, Land parece ser expressão de uma *malaise* estrutural dos departamentos de pós-graduação (como aponta, *in passim*, Noys) da relação geral entre trabalho, pensamento e capital.

Seu ímpeto alucinado por velocidade pode ser lido, ao menos em parte, como uma resposta à lentidão do metabolismo acadêmico e conceitual, o que fica evidente no final de *Meltdown* (LAND, 2011, p. 459). Considerado estritamente dentro dos limites materiais da bolha da academia, e de fato como *sintoma* dos limites deste jogo, o discurso é expressivo. Extrapolada pra fora dela, como programa político integral, parece uma tolice perigosa. Vejamos o porquê.

Acredito que o cerne da visão pós-humana aceleracionista de Land pode ser bem resumido por este trecho:

Capitalism is still accelerating, even though it has already realized novelties beyond any previous human imagining. After all, what is human imagination? It is a relatively paltry thing, merely a sub-product of the neural activity of a species of terrestrial primate. Capitalism, in contrast, has no external limit, it has consumed life and biological intelligence to create new life and a new plane of intelligence, vast beyond human anticipation<sup>1</sup>. (LAND, 2011, p. 626)

É um movimento duplo: de redução da vida e idealização apressada do capital. O homem é reduzido por meio do materialismo mais tacanho (nossa imaginação não é nada, mero subproduto de um primata, algo desprezível porque tão *baixo*), enquanto ao capitalismo é conferido status já

---

<sup>1</sup>“O capitalismo ainda está acelerando, embora tenha já realizado novidades além de qualquer imaginário humano prévio. Afinal, o que é a imaginação humana? Uma coisa relativamente reles, meramente sub-produto da atividade neural de uma espécie de primata terrestre. O capitalismo, em contraste, não tem limite externo, consumiu a vida e a inteligência biológica para criar nova vida e um novo plano de inteligência, vasto, além da antecipação humana” (trad. Minha).

inteiramente autossuficiente, sem nenhum limite energético externo. Considerando o interesse eventual de Land pela materialidade carnuda e suja de procedimentos ideais, é curioso que ele chegue a dizer algo tão claramente incorreto, mas talvez seja uma de suas inúmeras hipérboles.

Em momentos, é como se Land tivesse trucado o meio-pau de Deleuze & Guattari na mesma moeda em que ambos fizeram com Freud e Marx. É inconsciente que vocês querem? Pois tome. É produção que você querem? Receba. *Mas vamos até o fim da linha*<sup>2</sup>. Land quer exaurir o programa de destruição do teatro humanista anunciado pela dupla francesa, mas para ele liberar o inconsciente maquínico de qualquer semblante humano só pode querer dizer se render aos fluxos autodestrutivos do capital. O fim da linha é também a extrapolação autocancelante de qualquer ímpeto emancipador. Se a repressão é malvada, então antifascismo é moralista como o próprio fascismo<sup>3</sup> e a esquerda é um resquício humanista sentimental que acha, tolinha, que pode refrear o circuito prefigurado de destruição do capital.

Por mais que consigamos, acredito, encontrar a matriz do tesão-para-morte de Land prefigurada no momentos mais ambíguos de Bataille, do “CsO” de Artaud e do *Anti-Édipo*, parece-me que há também distorção significativa dessa visão. Toda a pesada revisão etnográfica de Deleuze & Guattari, em particular, todo o Clastres, Mauss e cia, parece ter entrado por um ouvido de Land e saído pelo outro. Apesar da interessante crítica que Land faz da xenofobia via proibição do incesto, de resto essa dimensão parece ausente na sua obra. Enquanto Deleuze & Guattari dizem com todas as letras que a edipização é feita de colonização (1972, p. 199), o imperialismo em Land soa mais como um efeito discursivo pernicioso e traiçoeiro do que um processo histórico material, brutal e comprido que ainda arrasta o mundo em suas assimetrias constitutivas (sem nem entrar na sua leitura rala do xamanismo, que parece vir de Eliade).

Ainda assim, existem momentos de invenção genuína no meio da sua sopa de letrinhas ciberpositiva. No mínimo, há algo de contagioso na sua voracidade sintética acelerada, é preciso admitir, e algo de ominoso na sua retórica apocalíptica e sinóptica. Não à toa foi tão influente para

---

2 Discutir a fundo a questão da aceleração em Deleuze & Guattari seria assunto para todo um artigo, digamos apenas que o famoso trecho “nós não vimos nada ainda” (1972, p. 285) pode ser lido de várias maneiras. Parece-me que os autores estão brincando de maneira deliberada com a ambiguidade de se ver seduzido pela intensificação de tendências imanentes do capital. Mas considerando o contexto maior da declaração, o tom parece-me longe de invocar a consumação derradeira dos ciclos acumulativos e destrutivos do capital na concreção de um futuro pós-humano.

3 “Moralidade tornou-se o sussuro complacente de um padre triunfante; é melhor manter a tampa apertada no desejo, porque o que você realmente quer é genocídio” (LAND, 2011, p. 498). No caso dele próprio, ao menos, parece que este era de fato o caso.

um grupo extenso de pesquisadores que vieram a produzir trabalhos *pregnantes* em direções tão diversas (como Kodwo Eshun, Luciana Parisi, Mark Fisher, Amy Ireland, etc<sup>4</sup>).

Até onde medem meus rudes instrumentos, diria que há pistas que Land lançou que ainda merecem ser perseguidas a sério, como sua crítica reiterada aos fundadores da cibernética como fetichistas da homeostase e detratores dos processos cumulativos da instabilidade não-linear. Os lampejos de proto-xenofeminismo são, até hoje, instigantes.

Diria também que os textos dos anos noventa são interessantes não *apesar* dos excessos, mas justamente por causa deles. Por mais que alguns trechos, como o início de “Machinic Desire”, por exemplo, soem já datados (“Techno-slicked extraterritorial violence flows out of the matrix. Cyberrevolution.” LAND, 2011, p. 319). Os experimentos estilísticos mais ousados de Land trazem um ar ballardiano e um humor que se encontra facilmente na poesia e na ficção das últimas décadas do século passado, mas não na teoria, saturada na época tanto de exegese obscura da vanguarda francesa quanto de estudos culturais pios. O hibridismo extremo e ousado de seus experimentos é a sua maior qualidade, mas essa liberdade voraz e acelerada vem com o preço de falta de rigor nas junturas apressadas que faz (rigor substituído por uma hipertrofia críptica formal arbitrária que parece retirar muito de Stephenson).

Exatamente por essa falta de rigor, a hiperstição parece-me muito menos promissora do que Land e o CCRU parecem achar que é. Soa como pouco mais do que uma variante cibernética da magia voluntarista e obscurantista de Thelema (menos nas versões esotérica e mais nas versões pop, como Alan Moore e Grant Morrison), com partes faltando e passos adicionais pouco relevantes.

A hiperstição basicamente permitiria invocar uma profecia autorrealizável. A intuição, em si, de que procedimentos imaginativos fictícios podem ser direcionados para concreção de realidades efetiva é valiosa e a esquerda talvez tenha muito a aprender nesse sentido. O próprio marxismo talvez possa ser amplamente compreendido como um experimento de conjuração taumatúrgico-profética de um desdobramento dialético inevitável até o socialismo. Mas a descrição de um circuito que acarreta um ciclo apocalíptico automático de *feedback* positivo (até sua concreção inevitável), nos termos que Land descreve, é uma caricatura idealista que deixa de lado toda a contingência histórica que

---

4 O mais interessante do CCRU parece ter sido justamente sua dimensão coletiva, os eventos que criaram e as pessoas e conceitos que mobilizaram nos campos experimentais que botaram para jogo. Para determinar o que foi o CCRU portanto (o que eu não estou fazendo aqui) talvez seja mais importante dimensionar esses aspectos do que tentar retirar conceitos terminados como produtos prontos dos textos.



desembocou nesses circuitos materiais sincrônicos de criação destrutiva. A cibernética não ganhou o mundo pela força irresistível de um único pulso conceitual inelutável, mas por todo um processo lento de convergência industrial e comercial que correu em cima de trilhos sulcados pelo imperialismo e o colonialismo.

O CCRU se refere ao processo hipersticional como “contrabando semiótico” que, ao ser submetido a múltiplos aninhamentos, permitira um tráfico de materiais para “decodificar a realidade dominante” que, de outra forma, seriam proibidos (CCRU, 2015, p. 24). Fazem a coisa soar *perigosa e subversiva*, tentando trazer a urgência de um *hacker* do William Gibson adentrando uma mega-rede corporativa clandestinamente, botando seu próprio córtex pra jogo na interface.

Até onde entendo, a principal distinção entre uma hiperstição e um mito ou uma profecia seria de que os praticantes de hiperstições sabem que é tudo inventado. Nada contra experimentar com coisas assim, mas é evidente que você não recria a magia e nem mesmo um campo de coletividade criativa experimental com ficções místicas voluntaristas e ocultistas deste tipo. Não à toa, não se encontra facilmente descrição de experimentos hipersticionais concretos, só uma profusão de textos lovecraftianos deslumbrados a respeito da possibilidade. Apontar que a realidade é uma ficção qualquer leitor de Borges ou praticante de magia do Caos faz, quero ver é apontar com que meios (com que *peças*, que infraestrutura produtiva, não só com que *ideias*) se constrói uma realidade alternativa. Na melhor das hipóteses, como em “Lemurian Time War”, temos pastiches pálidos de Burroughs (ainda que inventivos, em partes). A descrição de uma *caixinha chinesa cheia de intervenções enfeitiçadas* é maravilhosa, mas Land não tem esses feitiços, apenas os promete como um vendedor entusiasmado.

A dimensão cibernética da hiperstição poderia se desdobrar em um experimento pragmaticamente fértil se houvesse qualquer discussão operacional dos limites e graus de liberdade de redes materiais de concreção de ideias hipersticionais (fala-se de “graus de realização”, mas sem precisar ir adiante). Ocorre apenas uma descrição obscurantista de processos catastróficos cumulativos sobre os quais não temos nenhuma chance de intervir concretamente. Parece autoevidente a dificuldade que teria um método disseminado num estilo experimental ter qualquer impacto massivo em uma realidade técnica convergente altamente monopolizada.

Há momentos férteis nos experimentos de Land sobre cibernética<sup>5</sup>, mas na maior parte do tempo parecem mais extrapolações textuais virtuosas e irresponsáveis do que críticas minimamente atentas a processos históricos de concreção abstrativa e inscrição material<sup>6</sup>. O capitalismo cibernético de Land não é um processo histórico recorrente, emergente e gradual de fluxos concretos e contingentes, é uma ideia que já estava pronta e executada antes mesmo de começar, um programa alienígena implicado na própria tessitura maquina do mundo antes de qualquer europeu invadir outros continentes ou vender futuros de tempo. Recortada do mesmo pano, a hiperstição é uma fantasia sem qualquer conexão com a dimensão eminentemente real do mito e da magia como concreções históricas coletivas de complexos imagéticos e gestuais.

Land tem essa tendência a sempre ir fundo nos jogos discursivos que jogava sem atentar com o mesmo rigor para as condições energéticas e estruturais subjacentes. Na sua leitura da pulsão de morte como dissipação hidráulica de intensidades, por exemplo, pode-se a princípio ler uma vontade de levar a sério a narrativa cósmica de “Além do Princípio do Prazer”. Quando Land diz que a pulsão de morte não é um desejo pela morte, ele parece querer justamente extirpar dela qualquer resquício humanista para deixar só a carcaça pulsional inumana por debaixo. A pulsão de morte seria, então, o relato freudiano “de como criatividade ocorre sem o menor esforço, como a vida se propaga às extravagâncias por meio das tendências mais simples e cegas, como o desejo não é mais problemático do que a busca de um rio pelo mar” (LAND, 2011, p. 75).

É uma leitura forte e parece incrível. Mas não é exatamente isso que Freud faz e não é exatamente isso que Land faz com o conceito no resto de sua obra, tampouco<sup>7</sup>. Apesar da carapaça pós-humana, o que Land faz, no fim das contas, parece mais próximo de uma intensificação de tudo que ele acusa Freud e Hegel de fazerem: sobrepôr um teatro teutônico lógico-discursivo da morte e do amor a um diagrama de forças traumáticas e tectônicas sem nome<sup>8</sup>.

---

5 Como sua declaração enigmática de que a cibernética seria a realidade da crítica, ou suas distinções entre circuitos de curto e longo alcance, de estabilização ou de acumulação.

6 Um texto que torna isso patente é o divertido “Qwernomics”, uma fantasia surreal a respeito do teclado Qwerty que não se ocupa por um instante que seja dos processos de standartização industrial que levaram à formação do teclado, mas no lugar constrói uma elaborada viagem pseudo-cabalista quase toda incompreensível.

7 Para uma versão mais produtiva desse maquinismo inumano, ver o texto de Fisher no K-punk, “Indifferentism and freedom”. Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004647.html>. Acessado em: 27.09.2020.

8 Land faz o mesmo com Lynn Margulis, impondo um tom antropocêntrico à sua ideia radical de endossimbiose: “The eukaryotes are synthetic emergency capsules in which prokaryotes took refuge as mitochondria: biotics became securitized biology”, 2011, p. 458.

O seu inconsciente energético pulsa com “irresponsabilidade hidráulica” (LAND, 2011, p. 77) que nasce de uma produtividade espontânea, o que seria o inverso do esforço extenuante do espírito no idealismo. Mas no meio da suposta trama inumana lateja essa fascinação existencialista com a morte transformada em drama biológico-metafísico schopenhaueriano, a compulsão à repetição transformada em gozo perverso de um circuito autodestrutivo. A morte de verdade, imagina-se – dá vontade de dizer –, não se importa tanto assim, Nick. A suposta pulsão inumana é mantida dentro dum repertório cênico muito familiar em suas inclinações satanistas e góticas. Fala-se muito da potência exógena do Fora, mas qualquer menção a repertório fora do cânone mítico-filosófico ocidental, como vodu, vem com a boca cheia de fetiche exotizante, pra não dizer coisa pior. O tesão-pra-morte de Land, apresentado como impulso inumano muito além de todos os cercadinhos e limites, acaba mostrando-se muito mais circunscrito, europeu e moderno do que ele talvez gostaria de admitir.

Para explicar melhor o que quero dizer com isso, é preciso trazer algumas palavras sobre a relação entre sexualidade e morte em Freud e Bataille (com o perdão antecipado da aparente digressão). Para a biologia a morte celular programada nasce com os organismos sexuados e é ela que permite a renovação em ciclos de uma variedade geradora da vida. Visto de fora, o tesão é uma apetição material como qualquer outra, um agregado rítmico de tensão e descarga indiferente (como o próprio Freud descreve, em alguma medida). Seu caráter de dissipação cíclica de energia tem de fato um caráter equalizador de energia libidinal, mas equacionar isso com a morte e com a estereotipia afetiva mórbida da carne mamífera e palavrosa não me parece mais do que um gracejo poético fascinante levado a sério demais por tempo demais<sup>9</sup>.

Em Bataille o tesão também se associa à morte por significar um excesso de energia que precisa ser gasto, o mesmo excesso que leva à exuberância luxuriosa das plantas (cujas flores são, afinal, órgãos sexuais) e que decorre, no fim das contas, dessa explosão contínua e dadivosa – para nossa escala, inesgotável – do sol.

Lynn Margulis e Dorion Sagan expressam essa ideia sem o mesmo misticismo por trás: “A gente ajuda o sol a se gastar, intensificando a degradação de energia em calor no espaço” (, 1997, p. 46). É a partir da energia liberada pela destruição contínua dessa bola de gás que toda apetição na terra é gerada.

---

<sup>9</sup> O que de maneira nenhuma depõe contra a existência da compulsão mórbida a repetição e nem das estratégias clínicas para trabalhá-las.

A reprodução sexuada, portanto, instala a morte como programa ao mesmo tempo que permite que essa variedade se dê a partir da mistura de material genético de seres de uma só vez assemelhados e díspares (a nossa abertura durante o sexo é termodinâmica e informacional, como apontam Margulis e Sagan [1997, p. 33] mesmo quando ele não leva nem tem como levar à reprodução).

Em Bataille, é a partir de uma dialética numinosa de normatividade e transgressão que a sexualidade carrega sua tensão existencial e discursiva. Mas podemos, acredito, com Margulis, Sagan e Grosz, admitir amplamente a conexão do tesão com a morte sem comprar todo o pacote cosmopolítico que vem junto com a hidráulica hipnagógica de Freud ou o misticismo safado de Bataille (as duas matrizes principais do tesão-*pra*-morte de Land).

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud passa a considerar a possibilidade de uma compulsão por repetição fazer parte da nossa economia psíquica básica, frequentemente sobrepujando o princípio do prazer, mesmo entre os não-neuróticos. Para explicar isso, Freud propõe na forma de especulação que talvez toda vida aspire a retornar à quietude quentinha do inorgânico, esse estado prévio de nenhuma tensão. A meta de toda vida, então, seria a morte.

Essa conclusão passa pela compreensão de Freud do prazer como redução de estímulos. Todos nós teríamos, então, além do nosso instinto de autopreservação e do nosso ímpeto por prazer, uma pulsão de morte, ou de equalização geral energética, embutida no nosso aparelho psíquico.

Freud admite que Sabina Spielrein havia antecipado boa parte dessa especulação no seu ensaio “Destruição como Causa do vir-a-ser” (*Die Destruktion als Ursache des Werdens*), de 1912. Mas não discute a diferença entre a sua visão e a de Spielrein. Ela diz, no ensaio, que o impulso reprodutivo consiste psicologicamente de dois componentes antagonistas, uma pulsão destrutiva e uma pulsão de vir-a-ser (SPIELREIN, 1994, p. 184). A formulação se parece com a de Freud, mas Spielrein, também influenciada por Jung, mistura suas especulações sobre modos e graus de autodestruição com uma profusão de exemplos mitológicos literários, dando mais ênfase para o aspecto da morte como um processo de um ciclo maior de renascimento criativo. O processo de vir a ser, de criação, é sempre o resultado de uma destruição.

Na sua versão, Freud vai até os ímpetos constitutivos da vida orgânica, retornando à densidade metafórica de um mitógrafo como Hesíodo e reduzindo toda nossa economia psíquica, de

fato toda a oscilação dinâmica da vida, a um confronto entre *Eros* e *Thanatos*. De um lado a libido que ata tudo o que vive em unidades cada vez maiores, do outro um instinto reiterativo de morte que teima em recuperar o estado inerte anterior, dissipar toda tensão acumulada e equalizar as energias.

A divisão que Spielrein oferece é diferente. Para ela, os dois pólos são: uma pulsão estática que quer proteger o indivíduo atual de forças exógenas e uma pulsão dinâmica que quer preservar a espécie e almeja a mudança, a ressurreição do indivíduo em uma nova forma: “Nenhuma mudança pode ocorrer sem destruição da condição prévia” (SPIELREIN, 1994, p. 174).

Isto é, o impulso de destruição é aqui, ainda, parte de um movimento mais amplo da vida e não da morte, enquanto Freud faz com que a própria vida seja vista como um rodeio rumo à morte. Não se trata só da redução da vida a impulsos opostos, anabolismo e catabolismo, construção e destruição. Freud vai além disso. Ele não diz só que o organismo animal tem apetições naturais de destruição e nem que todo ser-humano almeja a morte, mas *que toda vida, no fundo, quer morrer*. Toda árvore, todo peixe-boi, todo protozoário. Não há nada mais patentemente falso, embora a sedução da frase seja evidente para o mais mórbido dos bichos.

Para Elizabeth Grosz, toda a obra de Freud pode ser compreendida como uma “generalização e abstração do modelo do orgasmo masculino como fundamento principal da própria vida” (GROSZ, 2002, p. 292). Podemos dizer, a partir disso, que o modelo da carga e descarga de tensão seguida de relaxamento (ou do acúmulo e explosão dissipativa) não é o único diagrama disponível nem para a libido e nem para a vida<sup>10</sup>.

Ferenczi apresenta, no seu *Thalassa* (1990), uma versão mítico-psicanalítica muito díspar dessa mesma vontade do retorno ao inorgânico como dissipação hidráulica. Ferenczi distorce a vontade de regressão da vida até a morte como desejo alucinatório de retorno ao útero materno. As experiências erótica e artística seriam variações desses delírios prostéticos de retorno à água do pré-individual. Aquilo que para Freud era morte, para Ferenczi poderia ser renascimento. Freud enxerga ameaças e intermitências à individualidade na forma da morte, Ferenczi consegue ver no retorno à

---

10 Um tanto pela existência de orgãos múltiplos no aparelho feminino e de orgasmos secos no aparelho masculino (ou seja, clímaxes sucessivos que mantêm a tensão sem dissipá-la), mas também pela possibilidade de compreender o prazer como intensificação contínua e distendida — canalizada para outros patamares de interação — através da interrupção antes da descarga, como propõe Maya Deren nos seus comentários ao platô de intensidade em Bateson (1980, p. 26).

agua-mãe do pré-individual e na dissolução da individualidade numa massa maior uma potência eventual de transfiguração criativa.

Querer escapar dos limites do seu corpo — mesmo querer destruir os constrangimentos criativos que o criaram — é uma característica própria da vida, não da morte. O corpo quer se gastar e se misturar, além de se preservar, quer dissolver as fronteiras da sua individualidade num meio maior do que ele mesmo, por vezes quer destruir sua configuração atual em direção a outro patamar de meta-estabilidade. Entender o gozo e a transfiguração da individualidade como setas em direção à morte é coisa de quem figura o indivíduo como um sistema de segurança subjetiva contra as pulsões. Isso é o que *o próprio Land percebeu*, argutamente, sem deixar de teimar com o erro em outra camada.

Compreender a vida a partir do ponto de vista da morte, como faz Land, é o mesmo erro dos que apreendem a morte do ponto de vista da vida (e enxergam nela uma espécie de privação, ou de falta — o que não faz sentido para quem morre, só para quem sobrevive). Dizer que todo o mecanismo do desejo é um desvio arrodado da seta programada até a morte, como faz Freud, é uma coisa, dizer que ele não é *nada além* de um desvio até a morte, como faz Land, significa, no final das contas, querer negar a existência de um movimento pelo fato de que ele terminou ou vai terminar. Todo movimento termina, toda composição se decompõe, mas a figura de toda apetição é irreversível e vale tanto quanto a espessura de sua destruição. O tesão é a própria espessura interativa e o seu espaço de fase contém muito mais ritmos latentes do que o mero acúmulo tenso rumo à dissipação. A morte é que é invenção da vida, desdobramento equalizador da criatividade contraída.

Com a palavra: Thomas Ruggles Pynchon, Jr.

### **O circuito de autodestruição da modernidade e o arco-íris da gravidade**

“Whoever wishes to know what the situation of a ‘redeemed humanity’ might actually be, and what conditions are required for the development of such a situation, and when this development can be expected to occur, poses questions to which there are no answers. He might just as well seek to know the color of ultraviolet rays.”

(Walter Benjamin)

"You must ask two questions. First, what is the real nature of synthesis? And then: what is the real nature of control?"

(Thomas Pynchon)

Em *Minima Moralia*, de 1951, Adorno escreve (2008, p.51) que o V-2<sup>11</sup>, a bomba-robô de Hitler, em sua destruição cega, refutaria a filosofia da história hegeliana:

“Assim como o próprio fascismo, os robôs são ao mesmo tempo lançados e sem sujeito. Como ele, associam a mais extrema perfeição técnica à completa cegueira. Como ele, provocam terror mortal e são inteiramente em vão.— “Eu vi o espírito do mundo”, não a cavalo, mas com asas e sem cabeça, e isso no mesmo passo refuta a filosofia da história de Hegel”.

É fácil entender o que ele quer dizer. Mas, num sentido hipersticional, talvez possamos considerar o míssil ao invés como encarnação derradeira da teurgia lógica hegeliana, entelúquia absoluta do programa da modernidade. Essa leitura se aproximaria mais, talvez, da visão do V-2 que está presente em um dos maiores romances de língua-inglesa do século XX, *Gravity's Rainbow*, de 1973 (um ano depois do *Anti-Édipo*, um livro voltado para os mesmos problemas, em outros vernáculos).

O romance abre com a frase “a screaming comes across the sky” e esse grito é um V-2 caindo sobre Londres (um dos 512 a fazerem isso em 1944). Caso você escutasse o “fiiuuuuuu” do míssil chegando, você estava seguro. A queda final do míssil era mais rápida do que o som, de modo que o som de sua trajetória seguia uma destruição alhures. Pynchon consegue fazer com que toda a trama militar e técnica da modernidade europeia culmine na queda deste míssil. O V-2 é a ereção patriarcal técnica total, o arco moderno de destruição prefigurado e calculado que chega antes do seu próprio som, efeito imperial desmedido que chega antes do rastro sonoro da sua própria causa.

Não dá para fazer uma sinopse adequada do romance, mas basta saber que é um romance sobre o pós-guerra e a formação da hegemonia imperial nuclear norte-americana na forma de um pastelão musical místico. Começa quando os nazistas já estão perdendo, na zona da Europa conflagrada, de fronteiras instáveis, onde tudo parece possível. De modo que as tensões não se dão em torno de quem vai ganhar a guerra, mas sim em torno das linhas de força deste mundo técnico novo em formação e que envolve o cinema e a televisão, o rádio e as histórias em quadrinhos. Todas

---

11 O primeiro míssil balístico do mundo, chamado de A-4 durante a concepção, foi renomeado V-2 “arma de retribuição-2” por Goebbels. Hitler ordenou que começassem a ser disparados em setembro de 1944, em resposta a um ataque da RAF.

as máquinas de guerra atingindo uma sincronia final, anunciada plenamente com o advento da Bomba.

O que Pynchon está tentando narrar ali nos anos quarenta é a gestação do mundo em que ele vivia enquanto escrevia, nos anos setenta. Sendo mais preciso, ele tenta narrar *a montagem do seu tempo* (PYNCHON, 2002, p. 726). Um tempo em que informação havia se tornado o principal meio de troca, em que o sujeito se via dominado por entretenimento e prazeres mundanos ao mesmo tempo que enredado numa trama militar-industrial de controle cibernético cada vez mais extensa. Um mundo onde o fascismo não perdeu a guerra, de fato, mas fez se entranhar dentro do arrastamento corporativo que carrega o mundo no seu embalo alucinado desde o século dezenove. Há números musicais a cada tantas páginas, um polvo e uma adenoide gigante, há um conflito misterioso entre destacamentos paranormais secretos dos nazistas e dos aliados, há toda uma explosão sistemática da máquina moderna romanesca por meio de uma saturação informacional entrópica e paranoica. Mas este artigo é sobre aceleração autodestrutiva, portanto vamos focar no míssil enquanto símbolo totalizante dessa aceleração moderna inevitável, um dos elementos centrais deste vasto manual de diagramações proféticas.

Consigo entender de onde vem a leitura aceleracionista de Noys, sustentada em grande parte pela dissolução gradual do protagonista do livro, Tyrone Slothrop (que bate com a visão corrente do livro como bagunça pós-moderna dissoluta, perdendo todo o ritual sincrônico e enciclopédico passando por cima da cabeça). Friedrich Kittler aponta como essa leitura pós-moderna geralmente não reconhece a quantidade de pesquisa incorporada nos delírios do romance, a precisão metódica que remonta diagramas de circuito e equações diferenciais a partir de fontes documentais (lembrando que Pynchon trabalhou brevemente como redator técnico da Boeing). O romance seria “data retrieval” de uma guerra mundial cujos arquivos sigilosos só vieram a público porque seus planos estratégicos já se tornaram realidade e não requerem mais, por isso, segredo (KITTLER, 1997, p. 108).

Para remontar a trama paranoica total em cima do foguete, Pynchon traz para seu cenário Werner Von Braun, visionário do programa de foguetes alemão (que depois viria a projetar a missão Apolo, fazer filmes para Walt Disney...), descreve em cenas estranhíssimas o complexo subterrâneo do centro Peenemünde, onde trabalharam para construir os foguetes milhares de pessoas detidas no campo de concentração Mittelbau-Dora, detalha com precisão de manual os problemas técnicos



transpostos e o protocolo dos lançamentos experimentais, incluindo a contagem regressiva (que os oficiais alemães tiraram de uma ficção-científica muda de Fritz Lang).

A cadeia técnica de construção do V-2 é devassada com uma pesquisa histórica precisa permeada de elemento delirantes. O delírio principal, mote narrativo que dispara a trama picaresca do livro, é a descoberta de que há uma correlação exata entre os locais dos encontros amorosos de um soldado americano pouco especial (Tyronne Slothrop) e os locais de queda dos mísseis em Londres. Isso não deveria ser possível, observam personagens especialistas em estatística, já que os mísseis caem segundo uma distribuição de Poisson dentro dum raio possível. Não teria como Slothrop saber de antemão onde cada queda se daria, o que indica uma espécie de relação causal obscura entre as ereções de Slothrop e os mísseis V-2. Como se suas ereções *prefigurassem* ou mesmo *invocassem* aquelas quedas:

His erection hums from a certain distance, like an instrument installed, wired by Them into his body as a colonial outpost [...] another office representing Their white Metropolis far away [...] (PYNCHON, 2002, p. 98)

Parece, de início, só um delírio paranoico e totalitário de culpa puritana (e é, também), mas Pynchon vai, por incrível que pareça, aos poucos construindo uma trama material que dá corpo, sangue e plástico a essa possibilidade estranha e remota.

Um fio central dessa trama material que equaciona ereções e destruições em massa é o conglomerado IG Farben, que existiu de verdade (e como), sinergia corporativa alemã derradeira da *síntese total* da química orgânica, responsável pela produção do plástico ficício *Imipolex B* (que estaria presente no míssil como isolante e em experimentos genitais que o jovem Slothrop sofreu enquanto criança, vendido como cobaia por seus pais para poder estudar em Harvard). Antes de concluir a descrição do complexo imagético do míssil, é necessário desempacotar um pouco da dimensão energética dessa fusão da máquina de guerra com a síntese total da química orgânica (já que é um dos momentos em que Pynchon se contrasta de maneira inequívoca e dramática com o aceleracionismo de Land).

Formado em 1925 com a fusão de seis empresas, entre elas a BASF e a BAYER, IG Farben era o maior conglomerado industrial da Europa e a maior indústria química do mundo na

época da 2ª Guerra (tendo sido desmontado pelos Aliados de volta em várias empresas depois dela). Joia do terceiro Reich e elemento central da máquina de guerra nazista, foi a empresa que produziu o gás *Zyklon B*, além de ter usado trabalho escravo dos campos, incluindo 30.000 pessoas em Auschwitz. O romance dramatiza essa condensação técnica, econômica e cultural da química orgânica industrial em dois trechos principais: primeiro a transmissão além-tumba de Walter Rathenau; e depois os devaneios do personagem Pokler, um dos engenheiros do V-2 e ex-aluno de Laszlo Jamf.

Rathenau foi o chefe da economia alemã durante a Grande Guerra (outro que existiu historicamente em abundância desmedida). É invocado numa *séance* para dizer que apesar da aparência orgânica do crescimento do cartel da IG, na realidade o que está ocorrendo é a expansão de um *novo domínio de morte*<sup>12</sup>.

Já Jamf é uma invenção integral de Pynchon, um cientista maluco prototípico que teria condicionado o jovem Slothrop desde a infância em experimento genitais obscuros, inventor do plástico *Imipolex G* e diversos outros sintéticos fictícios presentes na história. Nas suas aulas, chegava a defender uma espécie de química nacional-socialista que invoca ligações iônicas de silício para substituir a fraca partilha de elétrons pelo carbono. Pedindo para seus alunos irem além do carbono: “move beyond life, toward the inorganic. Here is no frailty, no mortality – here is Strength, and the Timeless.” (PYNCHON, 2002, p. 590).

Um breve resumo para contextualizar a citação que virá a seguir: o que tornou possível toda essa explosão da síntese industrial no século XX foi o nascimento da química orgânica, no século anterior, em grande parte por contribuições teóricas e práticas alemãs. Antes da síntese do indigo e de outras tinturas sintéticas, antes da aspirina e do plástico, veio August Kekulé (1829 - 1896). O ex-estudante de arquitetura intuiu e demonstrou as estruturas racionais das ligações orgânicas, formalizou a tetravalência do carbono, mas empacou, como vários, quando chegou na hora de formalizar a estrutura do Benzeno. Precisou de uma ajudinha do inconsciente para chegar à solução: sonhou com uma Serpente devorando a própria cauda (o *Ouroboros*), o que lhe sugeriu a cadeia circular de seis átomos de carbono com um hidrogênio acoplado em cada, alternando entre uma e duas ligações.

---

12 “Death converted into more death. Perfecting its reign, just as the buried coal grows denser, and overlaid with more strata—epoch on top of epoch, city on top of ruined city.” (PYNCHON, 2002, p. 340)

O engenheiro Pökler aprende sobre essa visão visionária da síntese com Jamf, mas aos poucos vai notando o que são os campos de trabalho que estão construindo o seu querido foguete, montando com mãos famintas e doídas, peça por peça, sua visão ideal. O que é de fato a cadeia destrutiva de que ele toma parte, o que os impérios estão fazendo com a Serpente domada de Kekulé:

The Serpent that announces, “The World is a closed thing, cyclical, resonant, eternally-returning” is to be delivered into a system whose only aim is to violate the Cycle. Taking and not giving back, demanding that “productivity” and “earnings” keep on increasing with time, the System removing from the rest of the World these vast quantities of energy to keep its own tiny desperate fraction showing a profit: and not only most of humanity—most of the World, animal, vegetable, and mineral, is laid waste in the process. The System may or may not understand that it's only buying time. And that time is an artificial resource to begin with, of no value to anyone or anything but the System, which must sooner or later crash to its death, when its addiction to energy has become more than the rest of the World can supply, dragging with it innocent souls all along the chain of life. (PYNCHON, 2002, p. 419)

Pynchon é explícito. A voz nesse ponto não parece ser de Pökler, mas do próprio romance. O benzeno, além de ser a primeira cadeia heterocíclica aromática a ser botada no molde, é base para todo petróleo encontrado na natureza, toda a memória viva depositada em sedimentos energéticos que serviram de base para a industrialização. Formaliza-se pelo homem europeu, pela primeira vez, na forma de serpente comendo a própria cauda. O capitalismo é um sistema que dominou as capacidades de transformação da natureza por meio de uma violação brutal de seus princípios de equilíbrio cíclico, externalizados como custo irrelevante para a equação produtiva. *Comprando* tempo (como se isto fosse possível sem um custo tenebroso). Descobre-se a cadeia do Benzeno apenas para violar a elegância de sua solução em direção a uma expansão destrutiva cada vez maior e mais irresponsável. O sistema-mundo do capital é um ônibus dirigido por um maníaco suicida (PYNCHON, 2002, p. 420).

A forma terminal dessa aceleração no romance se dá, como aponta Noys, no final do romance, com o sacrifício do passageiro de um dos dois últimos mísseis V-2, Gottfried, na concreção de um ritual de magia sexual nazista. Gottfried é um jovem mantido em relação de dominação sadomasoquista com o mais próximo que o livro tem de um vilão inequívoco, encarnação do nazismo na sua vertente mais (pretensamente) sofisticada. Weissman (leia-se *homem branco*), um oficial apaixonado por Rilke que bebe de gute-gute a chama inteira do Reich depois de ir ao Sudwest lidar

com a última revolta Herero. E que volta de lá com um escravo sexual mestiço, Enzian (filho de uma mãe Herero e um russo) e com uma consciência plena do gozo destrutivo de dominação que subjaz à expansão do Império.

Noys reconhece que pode haver alguma indicação perversa de renascimento nas fantasias de Gottfried e Weissman com o V-2, além de uma dramatização de todo o tesão fascista de integração autodestrutiva com a máquina. O desejo de Weissman e Gottfried seria um sonho sadomasoquista de se dissolver na trajetória fútil da máquina de guerra. O terceiro Reich como descrito por Wilhelm Reich, dirigido pelo Kenneth Anger. Noys considera a visão de Pynchon ainda mais pessimista do que a de Adorno, ao atingir com essa fantasia de aceleração integrativa um ponto terminal de autocancelação (NOYS, 2015, p. 45).

Sim, mas espera, tem mais! Há o ciclo de autocancelamento destrutivo, mas há a possibilidade de transfiguração e renovação ao mesmo tempo. A trama histórica de Pynchon é inteiramente pessimista, um mundo fadado não só a ciclos de dominação e servidão, mas a culminar eventualmente numa entropia cósmica pastosa. O fatalismo termodinâmico vem na forma improvável de uma comédia mística safada que teima em se aventurar por outras formas possíveis de juntura e de comunidade além da filiação e da autoridade estatal, além de todos os protocolos verticais implementados de inscrição e controle. Não existe grande esperança para grandes soluções coletivas redentoras, mas a força real está nas alianças *ad-hoc*, tanto no amor, na magia e na micro-revolução, quanto no tesão, no baseado e no desbunde mais gratuitos, nas associações de pequena-escala e nas aventuras de vôo curto. Nelas, Pynchon acredita e deposita toda fé e intensidade disponível.

O *Arco-Íris* não nos oferece, portanto, muito em termos de solução para nosso cemitério de utopias. Mas, como todo artista inventivo, Pynchon estende nosso repertório plástico para alcançar tramas que não alcançávamos antes, novas frequências de amostragem para fatiar e re-animar o real em outras velocidades, novos parâmetros gnóstico-paranoicos pra distinguir o sinal do ruído. Noys descreve apenas os primeiros movimentos do circuito imagético do livro, não os derradeiros. Há sim a concreção de um circuito inevitável e prefigurado de destruição total, o Império da morte europeu ganhando o mundo e expandindo-se, num novo patamar, reconfigurado, no Império da morte nuclear norte-americano. O fascismo, ao invés de ter sido vencido na guerra, teria se entranhado dentro da máquina de guerra global na construção de um novo patamar total de síntese, modulação e controle. A morte transfigurada, alcançando novos domínios, como profetizara o espírito de Rathenau. Mas o

livro não faz só isso. Ele também aponta para o movimento que se completa além da sua destruição aparente.

O arco-íris que vemos é geralmente uma figura incompleta, a figura ótica total sendo um círculo. A cruz cristã posta em movimento vira uma suástica, antes de dissolver as oposições numa mandala de novo, no advento sinistro, transfigurado, da Bomba. Noys não está sozinho em ler Pynchon como arauto de uma autodestruição pós-moderna, mas se isso descreve bem o ritual sádico de Weissman, não menciona que o ritual derradeiro nazista é contrastado no livro com dois outros rituais. Um deles também de magia sexual (de Geli), outro de magia tribal anti-Imperial técnico-destrutiva (do SchwarzKommando de Enzian). Sem contar o ritual principal, a conjuração derradeira, o próprio livro (e a projeção, além do zero, de sua trajetória em seus leitores futuros).

Na quarta parte, tudo vai se reduzindo entropicamente a depurações arquetípicas satíricas e sérias ao mesmo tempo. Tentam funcionar como os eventos devem funcionar na eternidade, numa simultaneidade onde tudo de sucessivo se vê protenso e retido. Tudo vai conspirando para a culminação do lançamento, ascensão e queda do míssil. A meta da trama e o fim de tudo. Ele é disparado em 1944, mas cairá num cinema em 1973, analepse e prolepse simultânea, 2a guerra desembocando na Guerra Fria e na simetria escalada da doutrina MAD. Um porta-voz oficial da Cabala aparece para explicar que os dez Sephiroth, as dez emanções da criação divina, são contadas de dez pra um (assim como a contagem regressiva do lançamento do míssil). A plataforma de lançamento alemã – o Bodenplatte – é apresentado como novo eixo do mundo, a raiz de uma nova Árvore da Morte, a disparação e emanção de uma nova ordem anelada de realidade numinosa. O lançamento do míssil se torna o ponto nevrálgico de contato entre o céu e a terra, visando o ângulo preciso de Londres, para mudar o eixo de rotação do mundo (o que já *aconteceu*, a não ser que o míssil 00001 o impeça, anule o feitiço do míssil 00000...).

A essa altura do campeonato, nos episódios finais, já não sabemos se ainda estamos na ascensão ou se já estamos na queda. Gottfried, dentro do míssil, com seu ponto instalado cirurgicamente na orelha, reluzente como um brinco, consegue sentir o momento de *Brennschluss*, fim da queima do combustível. Depois deste momento, estamos totalmente a mercê da força da gravidade, não mais da nossa aceleração. Anábise vira catábise (mas a queda só existe vista daqui de baixo, vista de “cima” é uma ascensão). Se o cálculo e a balística, como as transformadas de Fourier, recortam a trajetória contínua em pontos descontínuos para decompô-la e traduzi-la, o que o final do

romance sugere é que os pontos descontínuos e discretos também podem ser acelerados de volta até continuidade ilusória e efetiva do cinema, as seções do círculo podem ser dissolvidas numa mandala acelerada. Não se escapa da gravidade, mas pode-se escapar, com sorte e safadeza, da trajetória pré-determinada e duplamente integrada. Os fotogramas discretos vem a produzir a atualidade assim como o (de início) fictício Schwarzkommando vem à concreção gradual, peça a peça, encaixando aos poucos na frequência adequada para se adequar à nossa percepção aqui embaixo.

No final do *Arco-Íris*, não temos só um míssil caindo, temos dois. Um deles tem o sacrifício ritual de Gottfried, uma última ejaculação sinistra nazista, o outro é o míssil do SchwarzKommando, destacamento rebelde de mestiços Hereros<sup>13</sup> metidos no seu próprio suicídio coletivo ritual. Pynchon já havia narrado a revolta Herero em *V* (1963) e retorna no *Arco-Íris* para suplementar a realidade histórica da ocupação alemã, de maneira ousada e estranha, criando o relato fictício de um destacamento secreto militar de Hereros mestiços montado para estender o domínio no continente africano (e que vai ganhando autonomia com o fim da guerra, inventando seus próprios desígnios e contrabandeando o seu próprio míssil, parte a parte). Enzian, o personagem mais proeminente do grupo — escravo sexual de Weissman por anos até conseguir se educar e se libertar — encarna esses inúmeros colonizados que foram programados para morrer pelo homem branco e que tentam no mínimo arrancar deste programa a possibilidade de morrer nos seus próprios termos, longe da morte mansa cristã que tentam empurrar na sua garganta.

Se, em *V*, Pynchon já havia narrado o Sudwest alemão e a revolta Herero para apontar como o campo de concentração nazista teve seus protótipos coloniais que nunca soaram nenhum alarme humanista estrondoso, no *Arco-Íris* tentou mostrar como a cicatriz colonial era muito mais profunda e sistemática do que ele próprio percebia<sup>14</sup>.

Pynchon e Land narram a dissolução do indivíduo moderno, esse sistema de segurança de pulsões construído em cima de propriedade privada, mas Pynchon também diagramou possibilidades de renascimento e recriação a partir dessa dissolução. O indivíduo moderno europeu nasce paranoico, porque de fato nasce inscrito em largos sistemas técnicos de controle, nasce culpado,

---

13 O genocídio Herero é um dos vários do século XX, como o armênio e o do Congo Belga, para o qual não existe filme choroso ganhador do Oscar. O Império alemão tomou o sudoeste africano em 1883, com Bismarck. Em 1904, houve a primeira revolta Herero. Até 1906, dois terços da população é massacrada pela cavalaria alemã. A revolta que Weissman ajuda a conter se dá em 1922.

14 Pynchon diz isso explicitamente numa de suas poucas cartas privadas publicadas (SEED, 1988, p. 240).

porque de fato se beneficia de um circuito de dominação global, de fato tem uma multidão de fantasmas de escravos, nativos e dodôs atados aos seus pés. Não há como recuperar qualquer potencial utópico baseado em aceleração técnica sem uma profunda revisão racial, colonial e ecológica da modernidade patriarcal, e é saber isso que coloca Pynchon no outro extremo do espectro aceleracionista.

Ele não resolve nenhum desses problemas tenebrosos, mas ao menos dimensiona melhor a extensão e a intensidade da trama envolvida. E coloca a denúncia mais inequívoca do imperialismo europeu e norte-americano na boca de um nazista, Weissman, que saca melhor do que ninguém que forças estão em jogo:

In Africa, Asia, Amerindia, Oceania, Europe carne and established its order of Analysis and Death. What it could not use, it killed or altered. In time the death-colonies grew strong enough to break away. But the impulse to empire, the mission to propagate death, the structure of it, kept on. Now we are in the last phase. American Death has come to occupy Europe. It has learned empire from its old metropolis. (PYNCHON, 2002, p. 698)

Além do míssil suicida do Schwarz-Kommando, voltado para o Norte, negativo do míssil de Weissman, temos também o ritual de magia sexual de Geli, feito em direção a Tchitcherine, o russo viciado em analgésicos e com o corpo cheio de metal (meio-irmão de Enzian). Enquanto Gottfried se ajoelha diante de Blicero, a bruxa Geli se ajoelha diante de Pã por Tchitcherine e vê um mundo em que o homem é uma criatura trazida para a terra para destruir a natureza, destruir uma fonte de criatividade intensa e podre demais para ser suportada pela própria Terra. A nossa maneira sistemática de matar, única entre as espécies, seria a única forma de conter a fumarola fumegante desse levante verde irresistível e titânico. O homem seria o contrarrevolucionário do verde, enviado para destruir sua própria terra. Mas nossa força não bastaria para destruí-la. O verde nos destruirá antes de que nós tenhamos a chance de fazê-lo<sup>1516</sup>. No *Arco-Íris*, o capitalismo também é um circuito de autodestruição, mas a vida é muito mais vasta do que a nossa morte.

---

15 Não é a visão mais otimista do mundo, mas Geli consegue, ao menos, com sua conjuração amorosa, impedir com que Tchitcherine reconheça o seu meio-irmão mestiço, quando se encontram por acaso (?) na Zona. Meio-irmão que ele havia jurado matar num ímpeto automático de violência fraternal cíclica e irresistível, anulado com muito ardid pela bruxa.

16 Não é a visão mais otimista do mundo, mas Geli consegue, ao menos, com sua conjuração amorosa, impedir com que Tchitcherine reconheça o seu meio-irmão mestiço, quando se encontram por acaso (?) na Zona. Meio-irmão que ele havia jurado matar num ímpeto automático de violência fraternal cíclica e irresistível, anulado com muito ardid pela bruxa.

Uma coisa Pynchon sabe: não será a técnica moderna europeia, e muito menos o iluminismo, a nos salvar. São as luzes destes mesmos holofotes que bloqueiam as estrelas agora, chamam todos os vampiros à nossa volta. Não há em sua obra nenhuma esperança marxista de redenção pela aceleração, não há nem um anarquismo oferecido como alternativa plausível. Como em Land, há a sedução da forma acelerada, de experimentos mentais levados até o fim da linha, há o tesão pela autoaniquilação tanto no assunto quanto na forma. Mas, ao contrário de Land, há sempre, também, a tentativa de se enunciar e conjurar uma reação coletiva dispersa e fragmentada (uma “contra-força”) ao domínio que os poucos têm sobre os muitos (e que Pynchon diz com todas as letras que se trata de uma *guerra*, não de uma mera resistência).

O protagonista, Slothrop, se dissolve, mas isso não deveria ser lido apenas como gesto pessimista. Pynchon não é William Gaddis (que dissolve os personagens de *The Recognitions* num processo de inautenticidade cultural irreversível). Slothrop desaparece depois de assumir sete identidades diferentes ao longo do livro, entre elas um homem-porco e um homem-foguete e o seu desaparecimento o transforma numa *encruzilhada* (PYNCHON, 2002, p. 698). Encruzilhadas são o domínio de deuses da mediação e da comunicação, como Hermes e Exu. Deuses trapaceiros que transfiguram se invocados e alimentados, presentes em todo mercado e em todo transistor. Como sabia Sabina Spielrein, a transformação só pode vir a partir da destruição da configuração individual. Como sugere Simondon: esta transfiguração da individualidade se dá por meio potência pré-individual da natureza e da potência transindividual do coletivo.

A última frase do *Arco-íris* vem depois de uma canção, pedindo para que sigamos a letra com o salto da bolinha. Além de uma chamado para que o leitor cante junto, a frase pode ser lida como invocação de um novo ciclo coletivo de concreção mítico-técnico, refeito e remodulado, mais compreensivo em sua amplitude, mas menos vertical em suas assimetrias materiais de base.

Como quem diz, *o indivíduo já era*: “*E agora todo mundo*”.

## **REFERÊNCIAS:**

ADORNO, Theodor.. *Minima Moralia*. Trad.: Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.



- CCRU. Collected writings 1997-2003. Time Spiral press, 2015.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipe: capitalismo et schizophrénie 1*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.
- DEREN, Maya. From the notebooks of 1947. In: *October*, number 14, MIT PRESS, Boston, Fall 1980, p. 21-45.
- FERENCZI, Sandor. *Thalassa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.
- FISHER, Maya. Indifferentism and freedom”. Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004647.html>. Acessado em: 27.09.2020.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- GROSZ, Elizabeth. “Animal sex: libido as desire and death”. In: GROSZ, E.; PROBYN, E. (Ed.). *Sexy bodies: the strange carnalities of feminism*. London: Routledge, p. 278-299. 2002. p. 278-299.
- KITTLER, Friedrich. *Literature, media: information systems*. Amsterdam, G+B international, 1997
- LAND, Nick. *Fanged Noumena*. Urbanomic, 2011.
- MARGULIS, Lynn. *Symbiotic Planet: a new view of evolution*. New York: Basic Books, 1998.
- MARGULIS, Lynn. SAGAN, D. *What is sex?* 1997.
- NOYS, Benjamin. *Malign Velocities: accelerationism and capitalism*. Winchester,UK /Washing-ton, USA: Zero Books, 2015.
- PINTO NETO, Moysés. *Esquecer o neoliberalismo: Aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo*. Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos ano 14 • nº 245 • vol. 14 • 2016.
- PYNCHON, Thomas. *Gravity's rainbow*. London: Penguin Classics, 2002.
- SEED, David. *The fictional labyrinths of Thomas Pynchon*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire and London: Macmilan Press, 1988.
- SPIELREIN, Sabina. Destruction as a cause of coming into being. *Journal of Analytical Psychology*, v. 39, n. 2, p. 155-86, 1994.
- SRNICEK, Nick.; WILLIAMS, Alex. #Accelerate: Manifesto for an accelerate politics. In: MACKAY, R.; AVA-NESSIAN, A. (Orgs.). #Accelerate: the accelerationism reader.UK: Urbanom-ic, 2013.